

Com a devida vénia transcrevemos artigo publicado na edição do Jornal de Negócios

Folga curta de solidez pressiona venda do Novo Banco

Maria João Gago | mjgago@negocios.pt, Bruno Simão - Fotografia

O rácio de solidez do banco é de 8,5%, pouco acima do mínimo de 8% exigido pelo supervisor. E ainda haverá imparidades para registar. Pressão de capital e liquidez é argumento a favor da venda. Prioridade é evitar injeção de capital.

A curta folga de solidez que o Novo Banco (NB) apresenta é um dos factores de pressão para uma venda rápida da instituição liderada por Vítor Bento e é um dos argumentos que os defensores da alienação do banco têm apresentado. A preocupação das autoridades é evitar que, face a esperada necessidade de registar imparidades para a desvalorização de activos, seja necessária uma injeção de capital numa instituição acabada de criar.

Ao que o Negócios sabe, o Banco de Portugal está atento a esta situação, até porque não exclui que o Novo Banco ainda tenha de registar imparidades adicionais. A auditoria ao valor dos activos da instituição que o supervisor pediu à PricewaterhouseCoopers será decisiva para perceber o valor das provisões que ainda será necessário contabilizar. Imóveis, activos dados como colaterais de empréstimos e até créditos poderão ser a razão para essas imparidades.

Criado com um capital de 4.900 milhões de euros, o Novo Banco apresenta um rácio de solidez de 8,5%, segundo revelou Carlos Costa no anúncio da sua constituição. Este nível de solvabilidade "contempla uma margem relativamente aos rácios mínimos de capital em vigor", sublinhou o governador do Banco de Portugal a 3 de Agosto. No entanto, tendo em conta que o mínimo exigido é de 8%, a folga é relativamente pequena. A CGD fechou o semestre com um rácio de 11,6%, o BCP de 12,5% e o BPI de 12,5%.

É precisamente com o objectivo de ganhar margem de solidez que o Novo Banco tem em curso, com a ajuda do Deutsche Bank, um plano de optimização do seu balanço. A equipa de Vítor Bento vai identificar activos não estratégicos que possam ser vendidos e que, assim, libertem capital. Por outro lado, uma orientação diferente da política de crédito, entre outras medidas, pode também permitir uma gestão mais eficiente do capital do banco.

Liquidez é outro factor de pressão para a venda

As necessidades de liquidez do Novo Banco são apontadas como outro factor de pressão para a venda da instituição. Por um

lado, há o receio de que quanto mais tempo se esperar por uma decisão sobre o destino do banco, maior seja a deterioração da sua posição de liquidez. Por outro, há a preocupação de que não seja preciso usar colaterais de menor qualidade para o financiamento no Banco Central Europeu. Problema que um comprador poderia ter mais margem para resolver.

Desde a sua criação que o Novo Banco tem acesso aos apoios de liquidez do BCE, até porque dispõe de colaterais que permitem ir buscar recursos à instituição liderada por Mário Draghi. No entanto, quanto mais precisar de recorrer a este mecanismo, maior é o risco de os colaterais terem menos qualidade e, por essa razão, serem sujeitos a maiores descontos ("haircuts"). Por cada mil euros de colateral entregue no BCE, um banco recebe fundos que correspondem a uma percentagem desse valor. O "haircut" funciona como uma reserva de segurança para o banco central e será maior quanto mais risco tiver o colateral. Aplicações em dívida pública são sujeitas a um desconto menor do que os colaterais constituídos por crédito a empresas, por exemplo.”

29-Ago-14

8,5%

RÁCIO DE CAPITAL

No momento da sua criação, o Novo Banco apresentava um nível de solidez de 8,5%, acima do mínimo de 8% exigido pelo supervisor.

4.900

INJEÇÃO DE CAPITAL

O Fundo de Resolução injectou 4.900 milhões no Novo Banco. A maioria foi financiado pelo Estado. A banca emprestou 700 milhões.